

**SILVIA CRISTINA MOTA**

**RAZÕES DO RETORNO AOS ESTUDOS DOS ALUNOS ACIMA  
DE CINQUENTA ANOS**

**CAMPINAS  
2001**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

**SILVIA CRISTINA MOTA**

**RAZÕES DO RETORNO AOS ESTUDOS DOS ALUNOS ACIMA  
DE CINQUENTA ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para o curso de  
Pedagogia da Faculdade de Educação / Unicamp  
sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Giubilei

**CAMPINAS  
2001**

Dedico este trabalho aos meus pais, Roberto e Eleni,  
com minha profunda admiração por me  
ensinar ter perseverança e bom humor  
durante todos os momentos de minha vida.

## **Agradeço...**

... à professora Maria Neusa, pela grande colaboração dada neste trabalho e a participação em minha formação enquanto pedagoga;

... à prof<sup>a</sup>. Sonia Giubilei, pela orientação que me permitiu realizar este trabalho;

... ao prof. Zacarias Borges, por ser meu segundo leitor dando valiosas contribuições ;

... ao meu irmão Roberto pela grande apoio e ajuda;

... à Direção, à Coordenação e aos Professores do CEES “Paulo Decourt” por sempre me receberem muito bem e pela confiança;

... aos alunos do CEES, pela participação nos questionários, entrevistas e relatos os quais proporcionaram a realização desta pesquisa

... às colegas de turma que sempre estiveram perto nas mais variadas situações, com as quais passei muitos momentos especiais e inesquecíveis

... à Maria José e ao Daniel, que sempre estiveram do meu lado com carinho, paciência e, principalmente, nos momentos mais estressantes do curso e da escrita deste trabalho;

... à Deus, por sempre estar ao meu lado.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido no Centro de Ensino Supletivo (CEES) “Paulo Decourt” localizado no Ciclo Básico I da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

É uma pesquisa realizada com os alunos acima de cinquenta anos visando a melhor compreensão dos motivos que levaram estas pessoas que não tiveram acesso ou possibilidade de completarem seus estudos voltarem a frequentar a educação formal.

Tem como objetivo também permitir aos educadores e a sociedade perceberem as expectativas daqueles que “voltaram às aulas” principalmente dos que estão com idade bem superior a idade amparada legalmente.

A metodologia de pesquisa foi sócio-histórica e as informações quantitativas foram coletadas através de questionários, entrevistas e relatos orais, os quais permitiram um melhor compreensão da realidade do educando-adulto, sujeito da pesquisa.

Através deste trabalho espera a autora contribuir para os estudos sobre Educação de Jovens e Adultos, uma área tão pouco valorizada pelos órgãos governamentais.

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação</b>	<b>1</b>
<b>2. Introdução</b>	<b>3</b>
<b>3. Objetivos Específicos</b>	<b>5</b>
<b>4. Procedimentos Metodológicos</b>	<b>6</b>
<b>5. Educação</b>	<b>11</b>
<b>6. Primeiras Palavras</b>	<b>15</b>
<b>7. Histórico do CEES</b>	<b>20</b>
<b>7.1. Início do CEES em Campinas – Unicamp</b>	<b>21</b>
<b>7.2. O CEES nos dias de hoje</b>	<b>22</b>
<b>8. As percepções dos sujeitos da pesquisa</b>	
<b>8.1. Os alunos</b>	<b>27</b>
<b>8.2. A direção e os professores</b>	<b>35</b>
<b>8.3. A família e a sociedade</b>	<b>41</b>
<b>9. Considerações Finais</b>	<b>47</b>
<b>10. Anexo</b>	
<b>10.1. Anexo 01- Escolarização da População</b>	<b>50</b>
<b>10.2. Anexo 02- Número de Pessoas Alfabetizadas com cinquenta anos ou mais..</b>	<b>51</b>
<b>10.3. Anexo 03- Questionário</b>	<b>52</b>
<b>10.4. Anexo 04- Aos professores da área</b>	<b>54</b>
<b>10.5. Anexo 05- Gráfico- estado civil</b>	<b>55</b>
<b>11. Referências Bibliográficas</b>	<b>56</b>

## 1- APRESENTAÇÃO

O interesse pela educação de adultos surgiu quando em uma das disciplinas do curso de Pedagogia ministrada pela Profª Drª Corinta Geraldi no 2º semestre do ano de 1998, possibilitou aos alunos (turma 97) conhecerem diversas áreas da Educação como: creches, pré-escolas, salas de 1ª à 4ª séries, assentamento, entre outras, mas, como eu trabalho desde o primeiro ano de minha graduação, precisei de um local, no período noturno, o qual pudesse observar. Desta forma, a professora sugeriu o supletivo localizado aqui na Unicamp, o Centro Estadual de Ensino Supletivo “Paulo Decourt”.

Com minha carta de apresentação em mãos, fui ao supletivo para me apresentar e falar sobre minhas intenções, que a princípio, eram de estagiar na sala de alfabetização. Mas, não foi tão fácil assim pois, ao conversar com a diretora do supletivo, tive o conhecimento de que a (antiga) suplência I, voltada ao ensino básico (1ª a 4ª série), havia sido desativada pelo governo dois anos antes (1997)

Porém, não desanimei. E, como o supletivo era um campo completamente novo e estranho a minha realidade, já que, durante minha graduação no curso de Pedagogia não foi ministrada nenhuma disciplina obrigatória referente a Educação de Jovens e Adultos. Resolvi, diante dessa situação, fazer algumas visitas para saber se realmente não haveria outra sala que eu pudesse estagiar.

Fui algumas vezes para conhecer o local e conversar com as pessoas que trabalhavam na coordenação, na orientação pedagógica, e com os professores. Em uma daquelas conversas, uma frase dita pelo coordenador foi muito marcante para mim: “é um absurdo uma faculdade com tantos doutores e ainda assim, existirem tantas pessoas analfabetas trabalhando aqui”. Foi neste momento que resolvi que era naquele supletivo que eu realmente queria ficar e neste semestre iniciei as observações

No ano seguinte, nas disciplinas de estágio supervisionado I e II, com a autorização dos Profs. Drs. Guilherme Toledo e Roseli Cação, retornei ao Centro, só que desta vez, para participar mais ativamente.

Fui à sala de Matemática perguntar ao professor se poderia estagiar em sua disciplina e imediatamente encaminharam-me para a *sala de reforço*, onde o professor

com o qual conversei, apresentou-me como “alguém que se interessou por nossa área<sup>1</sup> e quer nos ajudar”. Eu sorri e falei: É, mas também estou aqui para aprender.

A sala de reforço é o local onde vão os alunos com maior dificuldade para aprender e/ou que não conseguiram acompanhar o ritmo da outra sala.

Sabia que não seria uma tarefa fácil, pois a maioria dos alunos, independente de sua idade, sentem grande dificuldade com essa matéria.

Com este estágio pude vivenciar vários momentos de ensino-aprendizagem, mas não da maneira como vemos nas escolas tradicionais, já que eu sempre notava que, havia uma grande troca de experiência entre a professora e os alunos e vice-versa.

O que me chamou mais a atenção foi sempre a grande vontade de aprender que as pessoas com cabelos brancos, rostos marcados pelo tempo, com várias histórias e muita experiência de vida, tinham. Pessoas que por algum motivo não tiveram acesso a escola ou que tiveram que deixar de estudar ainda crianças.

Este ano (1999), foi muito rico para minha formação tanto como Pedagoga quanto pessoa fomentou uma grande inquietação tornando-se o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso: Razões do retorno aos estudos dos alunos acima de cinqüenta anos.

No segundo semestre de 2000, fiz a elaboração do projeto sob a supervisão da Profa Dra Sonia Giubilei e no primeiro semestre de 2001, procurei através de conversas, questionários, entrevistas e relato, responder esta questão: o retorno aos estudos, sem esgotá-la e, também ter uma visão de como a família, a escola e a sociedade percebem esta “volta às aulas”.

---

<sup>1</sup> No Centro Estadual de Ensino Supletivo as disciplinas também são chamadas de áreas.

## 2- INTRODUÇÃO

De acordo com a Constituição Federal, art. 214,I, que se refere a Educação cita:

*“ a articulação e o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do poder público que conduzam à:*

- I- erradicação do analfabetismo;*
- II- universalização do atendimento escolar;*
- III- melhoria da qualidade de ensino;*
- IV- formação para o trabalho;*
- V- promoção humanística, científica e tecnológica do País.”*

O Brasil tem um déficit elevado no ensino fundamental que, com o passar dos anos, apresenta como resultado um grande número de jovens e adultos que não tiveram acesso ou não conseguiram concluir o ensino fundamental obrigatório na idade própria retornando aos estudos.

Confirmando a realidade os dados apresentados no Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos – SP realizado em maio do ano corrente, informa que ainda é excessivo o número de analfabetos em nosso país, atingindo mais de 16 milhões de brasileiros maiores de 15 anos.

É sabido que não basta apenas ler e escrever para inserir o indivíduo no exercício pleno da cidadania. Sendo assim, a Educação de Jovens e Adultos, deve ser não somente pensada, mas sim realizada de forma continuada para as pessoas que não tiveram acesso à educação regular na idade própria, tenham a oportunidade de iniciar seus estudos e/ou dar continuidade a eles após serem alfabetizados. Esta oportunidade, não deve ser apresentada como um favor ou uma boa ação que o Governo esteja fazendo porém, como realmente deve ser: um direito de todos os cidadãos.

Geralmente os alunos acima de cinquenta anos são vistos como pessoas “diferentes” dos outros alunos porque muitos deles estão mais próximos da aposentaria, isto é, prestes a não mais fazerem parte da população economicamente ativa do país. A sociedade os considera velhos, incapazes de novas aprendizagens, novos sonhos e projetos, cabendo-lhes somente, ficar em casa tomando conta dos netos, vendo televisão,

costurando ou tricotando, jogando baralho ou bocha enfim, coisas que não precise pensar muito, fazer demais, desgastar-se, “coisas” para pessoas que já passaram quase a vida toda trabalhando.

Algumas pessoas pensam que este modo de “aproveitar a vida” sem ter que fazer nada significa a mesma coisa que “morrer”, já que sentem a importância de não ficarem alienadas do mundo em que vivem e participando de igual para igual do dia-a-dia da sociedade, estar inseridos no progresso, nas novidades. Para outros indivíduos, faz-se necessária uma complementação de seus estudos devido o tipo de emprego que possuem ou pretendem conseguir.

Em ambos os casos, os alunos mostram-se muito mais interessados e motivados a aprenderem, a conhecerem um novo mundo, a terem novos saberes que, somados com os saberes individuais lhes tornarão pessoas muito mais “ricas” e na maioria dos casos mais felizes.

Desta forma, a educação do adulto deve ser ampla e com metodologia apropriada à sua idade, ao seu ritmo e vivências, levando este aluno a refletir, criticar, opinar, sugerir, agir e conscientizar-se de que ele faz parte da História. Isto implica em uma luta constante, buscando sempre a formação e o reconhecimento de que é um cidadão, desde o seu nascimento. Além, de poder alimentar sonhos, desejos, planos e anseios de que um dia ocorra a transformação da sociedade em que está inserido. Desde a tão almejada paz, até a concretização da justiça (político – econômico – social)

### **3- OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- 1- Caracterizar a educação de pessoas acima de cinquenta anos no interior de um Centro de Ensino Supletivo buscando compreender as suas motivações e a existência de um processo específico a ele dirigido;
- 2- Buscar compreender as motivações que impulsionam as pessoas acima de cinquenta anos em seu retorno aos estudos
- 3- Compreender como as expectativas do retorno à escola possibilitam processos de valorização da auto-estima de pessoas que se encontram na transição entre a vida adulta produtiva e a chamada “terceira idade”.

#### 4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia a pesquisadora adotou uma perspectiva sócio – histórica, isto é, fundamentada nas relações entre o indivíduo e o meio em que está inserido e as quais se desenvolvem num processo histórico.

O *local escolhido* foi o Centro Estadual de Ensino Supletivo “Paulo Decourt”, ou como é mais conhecido CEES/Unicamp. Os motivos da escolha do espaço pesquisado, são melhor explicitados na Apresentação deste.

A pesquisadora utilizou-se de fontes diversas; dentre são elas: levantamento bibliográfico, observação em sala de aula, questionário aplicado aos alunos, relato oral com os alunos e entrevista com a família os professores e direção.

A pesquisa foi iniciada a partir de um *levantamento bibliográfico* (teses, dissertações, livros, textos, etc.), sendo esta uma das formas de “*conhecer as contribuições culturais (...) do passado*” (CERVO e BERVIAN; 1974:69) com a intenção de obter mais informações e conhecimentos e, desta forma, adquirindo algumas “ferramentas” necessárias para melhor compreensão do tema.

O processo de *observação*, segundo RUIZ (1979:53), constitui-se em “*aplicar a atenção a um fenômeno ou problema, captá-lo, retratá-lo, tal como se manifesta*” possibilitando a percepção dos acontecimentos que nos são relevantes, como também em HEGENBERG (1976:25), informa que: “*a observação não é um exame casual, mas busca intencional, ordenada (conceitualmente ordenada) de evidências em favor de certas hipóteses, ou conjecturas. Observa-se não com o mero intuito de colecionar dados, mas para encontrar, neles, alguma ordenação*” .

Para que a observação possa obter melhores resultados faz-se necessário que o observador, segundo RUIZ (1979:53), “*seja dotado de qualidades físicas tais como a perfeição relativa, sanidade e acuidade dos órgãos sensoriais*”, principalmente a audição, a visão e o olfato; segundo o mesmo autor ter “*certas qualidades psicológicas tais como amor ao trabalho, à concentração, à exatidão; o espírito de perseverança, de fortaleza e de pertinência, para não desanimar diante das dificuldades ou mesmo dos insucessos iniciais. Deve, ainda, o observador ser objetivo, imparcial, honesto e*

*humilde para ouvir sem preconceito a linguagem dos fatos, sem deturpá-la com vistas ao seu interesse subjetivo de suas crenças e de suas vaidades.*” (op. cit; 1979:54)

A utilização do diário de campo mostra-se importante, pois nele são feitas cuidadosas anotações sobre a realidade observada. De acordo com CRUZ NETO (in: Minayo; 1994:63),

*“como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto a sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas.”*

O diário apresenta-se como um recurso fundamental, possibilitando as mais variadas reflexões e servir como um alerta às mudanças, sejam elas: de opiniões e/ou de pontos de vista, sem desconsiderar os objetivos propostos. Deve ser considerado também como um documento do qual tem-se a possibilidade de realizar análises sobre as mais diferentes experiências vividas, principalmente pelo fato, de que se pode voltar sempre, reviver, rememorar sentimentos, acontecimentos, falas e até o que foi silenciado.

Nos registros de campo foram levantadas questões para serem melhor compreendidas através do relato oral, do questionário e/ou pela entrevista.

CERVO e BERVIAN (1974:147), consideram que o *questionário*, “é a forma mais cuidadosa para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”, isto é, aplicá-lo em alunos do supletivo maiores de cinquenta anos para obter dados mais precisos, mais “duros” tais como: idade, origem, condições renda, entre outros, para que se tenha um corte da realidade da vida social.

Como uma fonte secundária, foram as fichas de matrículas disponível no CEES para que com as informações levantadas tornasse viável a aquisição de mais informações sobre os alunos pesquisados. Estas fichas equivalem a um diário de classe individual, nas quais são anotadas as atividades realizadas a cada dia que o aluno vai à escola. Nela encontrei dados pessoais tais como: nome completo, data de nascimento, idade, endereço, foto, ano que ingressou na escola, disciplina que está cursando.

Os *relatos orais*, partindo de um roteiro básico, possibilitou a apreensão, na perspectiva do aluno, de quais são as motivações, expectativas e os valores que permeiam as relações entre os alunos do supletivo com mais de cinquenta anos, sua família e a escola. Para CRUZ NETO (in Minayo;1994:57), neste tipo de relato geralmente

*“acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análise do vivido.”*

Foi possível também salientar como os diferentes personagens envolvidos (alunos, professores, direção e família), compreendem esse processo educacional do aluno com mais de cinquenta anos.

Esses relatos permitiram que se resgate aspectos da realidade e as visões que se têm sobre ela sendo possível assim, recuperar o vivido conforme o concebido por quem viveu.

Como a realidade é complexa e multiforme, os relatos expressaram uma multiplicidade de pontos de vista, nos quais ocorreram convergências e divergências, possibilitando dimensionar e refletir criticamente sobre os dados coletados.

Nesse processo o objetivo foi o de resgatar a compreensão dos sujeitos, quanto ao seu mundo, isto é, o que cada um tem para contar sobre as situações experienciadas no ambiente escolar, familiar e social.

A partir dos dados obtidos nos questionários e nos relatos orais dos alunos acima de cinquenta anos, houve uma análise parcial possibilitando a seleção alguns pontos considerados relevantes para a realização das entrevistas com os pesquisados.

Quatro casos foram selecionados para realizar o aprofundamento da temática sendo necessário solicitar a permissão dos alunos para concretizar o próximo passo, isto,

*entrevistas*<sup>2</sup> coletivas no âmbito familiar. O acesso a casa dos alunos estava intimamente condicionado ao apoio dado pela família.

A escolha dos casos recaíram numa amostra por gênero, sendo dois homens e duas mulheres, buscando compreender possíveis diferenças de percepção e representação da realidade social.

CERVO e BERVIAN (1974:145) informa que a entrevista é uma “*conversa orientada para um objetivo: recolher, através do interrogatório do informante, dados para pesquisa.*” e deve girar em torno da confiança, espontaneidade, curiosidade, ter naturalidade na relação entre pesquisador e entrevistado tendo um cuidado especial para evitar a condução de respostas dando assim, liberdade para os alunos e seus familiares falarem o que desejarem.

As entrevistas foram realizadas também com os professores/educadores, coordenador e diretor para perceber como pensam a presença desse aluno diferenciado e também para a melhor compreensão da realidade do Centro enquanto instituição.

Durante todo percurso desta a pesquisadora participou das reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) que se encontra organizado desde março de 1997, vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp e coordenado pela Profa. Dra. Sonia Giubilei.

Com o envolvimento no GEPEJA, a pesquisa foi muito enriquecida, pois através dos estudos realizados neste grupo e das mais variadas falas baseadas nas vivências dos participantes, os quais se encontram altamente inseridos na Educação de Jovens e Adultos, foi possível fazer uma análise com maior fundamentação a problemática em estudo.

Este grupo propõe um trabalho pautado em estudos e pesquisas sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando-a em sua totalidade e busca, procurando:

“- *Criar um espaço catalisador para análise, discussão e proposição de políticas públicas para EJA;*

---

<sup>2</sup> Estas ocorreram através de entrevistas semi-estruturadas, com perguntas fechadas, as quais “*destinam-se a obter respostas mais precisas*” (CERVO e BERVIAN; 1974:148), e/ou abertas que “*destinam-se a obter uma resposta livre.*” (op. cit.: 149)

- *congregar pessoas com interesse no estudo e desenvolvimento de pesquisa na área de EJA;*
- *trocar experiências nos diferentes níveis de atuação (funções tecnopedagógicas) em EJA;*
- *incentivar a participação em eventos científicos que propiciem a divulgação da produção de conhecimento de seus integrantes;*
- *estimular a formação continuada dos seus integrantes;*
- *congregar profissionais de diferentes instituições educacionais que gestam políticas de EJA (universidades, Centro de Estudos Supletivos, prefeituras, telessalas, etc.);*
- *prestar assessoria as instituições interessadas;*
- *incentivar a publicação de produções do grupo.”*

Com esses procedimentos metodológicos acima citados foram obtidos dados que, ao serem analisados, deram fundamentação teórica e base para a realização desta pesquisa.

## 5- EDUCAÇÃO

Uma breve reflexão inicia este texto com algumas considerações sobre concepções de educação, pois a pesquisadora considera de fundamental importância para uma melhor compreensão de como a educação pode acontecer nos diferentes posicionamentos existentes: bancária, popular, não-formal e informal.

**Educação** : s.f. Ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adaptá-las a vida social; trabalho sistematizado, seletivo e orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades, ideais e propósitos dominantes; ato ou efeito de *educar*<sup>3</sup>; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas; polidez; cortesia. (HOLLANDA:433)

**Educação Bancária** (educação que é tradicionalmente vistas nas escolas): É utilizada como um instrumento de opressão dimensionada na cultura do silêncio, na qual o saber é passado para o educando (pessoas que nada sabem) como uma doação feita pelos que se julgam sábios e, cabem a estes educandos receber estes depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Na concepção bancária descrita por FREIRE (1987:59):

- *“ o educador é o que educa; os educandos são os educados;*
- *o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;*
- *o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;*
- *o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;*
- *o educador é o que disciplina; os educandos, o disciplinados;*
- *o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;*

---

<sup>3</sup> Educar, v. t. Estimular, desenvolver e orientar as aptidões do indivíduo, de acordo com os ideais de uma sociedade determinada; aperfeiçoar e desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais de; ensinar; instruir; domesticar; adestrar; aclimar; p. instruir-se; cultivar o espírito. (HOLLANDA: 433)

- o educador é o que atua; os educandos, os que tem a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos meros objetos.”

**Educação Popular** (libertadora) : Neste tipo de educação o professor não é visto com um ser “iluminado” e único detentor do saber, mas atua como um mediador na aprendizagem de seus alunos., no qual o

*“educador-educando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognoscentes diante de objetos cognoscíveis que os mediatizam”*  
(FREIRE in VALLE; 1996:70)

Sobre o “ato de conhecer” que ocorre neste tipo de educação VALLE (1996:70), informa que:

*“o ato de conhecer passa a ser algo que se dá numa relação dialógica entre o educando e educador, que buscam desmistificar o real, ao mesmo tempo em que se educam mutuamente. O conhecer passa a ser algo insistentemente desafiador, inacabado, transitório, não podendo ser visto como algo acabado, como um saber já feito, imutável portanto, susceptível de ser aprendido em sua totalidade.”*

A aprendizagem é fundamentada na curiosidade, na criticidade, na problematização, no questionamento, na reflexão e na conscientização.

Deve ser uma luta constante a de que ocorra a educação popular dentro da escola pública e que todos os indivíduos tenham acesso.

A escola pública popular deve ensinar os conteúdos de forma competente, pois de acordo com FREIRE (2000:61), *“nunca houve nem há educação sem conteúdos”* mas, segundo GERALDI (in VALLE; 1996:69), isso *“não se trata de uma substituição de*

*conhecimentos tradicionais para o popular ou vice-versa, mas partindo do conhecimento que o aluno traz, integrá-lo ao conhecimento do próprio formal. A esse movimento dialético damos o nome de produção”.*

É importante considerar o teor político e a ideologia dominante que encontramos nas entrelinhas dos conteúdos já que, ao ensinar, temos a obrigação de “desvelar o mundo da opressão.” (FREIRE; 2000:53)

**Educação Não-Formal :** A educação não-formal designa um processo com alguns campos ou dimensões, que correspondem a sua área de abrangência, de acordo com GOHN (1999:98), envolvem:

- “a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos” levando-os a uma conscientização e uma compreensão de seus interesses, por meio da participação das atividades grupais.
- “a capacitação dos indivíduos para o trabalho” isto ocorrerá através aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades
- “a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para solução de problemas coletivos cotidianos.”
- “a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados.” Esta aprendizagem se realizará de forma mais espontânea, e a comunidade pode estabelecer a finalidade desta prática.
- “a educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica.”
- “a educação para a vida ou para a arte de bem viver”, isto é, nos dias de hoje procurar viver ou conviver com o stress de uma forma que não nos prejudique utilizando-se de estratégias de resistência tal como técnicas de relaxamento, a meditação, alongamentos, entre muitas outras, sendo também, um grande campo da educação não formal. (...) que a diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos.”

Segundo GADOTTI e ROMÃO (2000:30), este tipo de educação se encontra vinculada principalmente *“a organizações não-governamentais, partidos políticos, igrejas, etc., geralmente organizadas onde o Estado se omitiu e muitas vezes organizada em oposição à educação de adultos oficial.”*

**Educação Informal :** este tipo de educação é aquela que acontece naturalmente no nosso cotidiano. De acordo com GOHN (1999:100) esta educação

*“é aquela que é transmitida pelos familiares, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc..(...) A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar.”*

## 6- PRIMEIRAS PALAVRAS

Este texto propõe iniciar uma discussão sobre como acontece a EJA, tendo como mote os adultos acima de 50 anos.

Segundo SANTOS (2001), *“a partir da década de 70 o nosso país deixa de ser essencialmente jovem e passa a amadurecer, a nossa pirâmide populacional perde a forma triangular, típica dos países em desenvolvimento, e torna-se retangularizada. Esse fenômeno chamado de transição demográfica é justificado por três fatores: a redução da mortalidade geral e em especial da mortalidade infantil, a diminuição das taxas de fecundidade e aumento da expectativa de vida”*.

LEME (1998:11), confirma os dados acima e vai além, pois enumera alguns fatores apresentados como um sério problema para a sociedade como podemos ver a seguir:

*“o progressivo aumento da população idosa é uma fenômeno que vem sendo observado em todo mundo. Tal aumento deve-se, em parte, às melhores condições de vida e a maior expectativa de vida que pode ser observada, inclusive no Brasil, em todas as camadas sociais. Além disso, esse aumento proporcional deve-se ainda à diminuição do número de nascimentos, ocasionados pelos diversos meios contraceptivos utilizados nos últimos trinta anos. E nisso reside o aspecto preocupante do envelhecimento da população: o rápido aumento da população dependente da aposentadoria e pensões, acompanhado pela diminuição da população economicamente ativa, ou seja, geradora de recursos públicos e impostos. Isso causa uma desproporção que torna cada vez mais difícil, em todos os países – e o Brasil não é exceção –, a manutenção dos direitos sociais da população idosa como aposentadorias e pensões dignas e um serviço médico estatal eficiente”*

Com esse aumento de pessoas da meia idade em diante, surge a eminente necessidade de discutir pré-requisitos básicos para que essas pessoas possam ter

qualidade de vida, isto é: alimentação e saneamento básico adequados, moradia segura, seguridade econômica e acesso aos serviços de saúde e educação. Desta forma, é preciso considerar o envelhecimento populacional um processo que:

- não afeta só o indivíduo, mas a família e a sociedade;
- que o número de idosos está crescendo rapidamente;
- que este fato é um processo normal, dinâmico e não uma doença;
- que são notórias as desigualdades nesse contingente populacional, as quais se

refletem em uma expectativa de vida mórbida;

- na incapacidade de assegurar uma qualidade de vida.

O organismo dos adultos passam por mudanças contínuas a medida que avança em sua idade. Neste sentido, VERNER e BOOTH (1971:31) informam que:

*“Estas alteraciones biológicas abarcan la declinación sensorial, la pérdida de fuerzas, la disminución de reflejos, la declinación de la capacidad sexual, los cambios en la textura cutánea, el tono muscular y el color del cabello, así como una declinación general de la energía total.”*

Mesmo com o aumento da população idosa brasileira, ainda existem locais onde o alunos adultos têm educação da mesma forma que as crianças, desconsiderando as diferenças que obviamente existem, refletindo assim, a falta de estudos a respeito.

Encontramos escolas que possuem seus conteúdos curriculares organizados de forma que priorizam informações e conceitos organizados de maneira fragmentária e estanque, reunidos em pacotes temáticos os quais se juntam a guias ou manuais enviados pelo governo às escolas com o propósito de “ensinar” aos professores, a “melhor” maneira de transmitir os conhecimentos.

Para que estes “pacotes” sejam cumpridos a risca é preciso que se tenha uma visão “bancária” da educação. Neste caso, a aquisição de conhecimento é realizada através de um processo mecânico de recepção passiva de informações pré-formuladas, justificando assim, a ênfase dada na repetição e memorização dos conteúdos. Desta forma, não faz sentido ter qualquer interesse pelo conhecimento prévio do aluno e sua inserção no processo ensino – aprendizagem pois, tudo que é trabalhado é desconectado de sua realidade.

A *educação tradicional* exige, na Língua Portuguesa por exemplo, que: primeiro, analise, combine e/ou decomponha a língua para, somente depois, usá-la. Mas isto, é para a educação de um adulto (ou pessoas de qualquer outra idade), é algo que não deveria acontecer, pois ao na escola já sabemos falar as palavras, construir frases, fazer textos orais, entre outras coisas. Como pedir para que o aluno pare de utilizar-se da língua (oral e/ou escrita) para que aprenda o “modo correto” de fazê-lo para que depois comunique-se?

Segundo FREIRE (1993:71),

*“Tal prática transpira autoritarismo. De um lado, nenhum respeito à capacidade crítica dos professores, a seu conhecimento, à sua prática; de outro, na arrogância com que meia dúzia de especialistas que se julgam iluminados elabora ou produz o “pacote” a ser docilmente seguido pelos professores que, para fazê-lo devem recorrer aos guias”*

Nessa concepção, a escola e a educação tem um papel reprodutor da sociedade dominante, a qual busca mão-de-obra barata, acomodada na situação em que se encontra para que assim se mantenha o *status quo*.

Ao aluno adulto, que já passou por uma ou mais evasões escolares, é muito difícil o retorno a um estudo que é exterior, é estranho à sua realidade, ao seu cotidiano fazendo com que o sentimento de baixa auto-estima, vergonha e de culpa<sup>4</sup> torne-se muito visível na grande maioria dos casos. Esta realidade ficou clara quando a pesquisadora ouviu de um senhor, o qual deveria ter por volta dos seus 55 anos disse: *“Papagaio velho não aprende a falar!”*

---

<sup>4</sup> ARAÚJO (1999:83) cita vários autores para tenhamos uma melhor compreensão de *culpa* e *vergonha* entre eles estão: HULTBERG (1988:116) informando que *“a culpa pode ser vista como uma reação a uma ação, enquanto a vergonha como uma reação a um modelo existencial”*; BOONIN (1983:296) afirmando *“a culpa é primariamente e fundamentalmente relacionada a transgressões e violações; a vergonha é primariamente e fundamentalmente relacionadas a fracassos, imperfeições, inadequações e fraquezas”*; DE LA TAILLE (1997:236) comunicando que *“na culpa, o lugar do outro é de vítima: sinto culpa perante a ou as pessoas que foram alvo de meu comportamento condenável, (...) no caso da vergonha, o lugar do outro é o de juiz: sinto vergonha diante dos olhos que me avaliam e julgam”*.

Desta forma, temos que ter claro em nossa mente que *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”* (FREIRE, 1987:25), que ocorre num coletivo, educador-educando e educando-educador.

Na educação popular (que com certeza pode ocorrer dentro da escola pública), o adulto terá um aprendizado mais efetivo pois, o ensino terá como ponto de partida o próprio aluno que ao trazer seus conhecimentos não estará na sala de aula somente para aprender mas, também, para ensinar os conhecimentos, saberes e vivências que este foi somando, no decorrer da vida.

*“Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos dos educandos, crianças, jovens ou adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para sua ação. Insista-se, “um ponto de partida e não de chegada.”* (FREIRE; 2000:29)

Álvaro Vieira Pinto(2000:39) informa sobre a educação de adultos e de crianças que:

*“o que distingue uma modalidade de educação da outra não é portanto o conteúdo, os métodos, as técnicas de instruir (isto é o secundário, o reflexo) e sim os motivos, os interesses que a sociedade, como um todo, tem quando educa a criança ou o adulto. Este é o fator primário, fundamental”*

Na atual Lei da Educação 9394/96, dedica os artigos 37 e 38 à Educação de Jovens e Adultos:

*“Artigo 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*

*§1º- Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.*

*§2º- O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola mediante ações integradas e complementares entre si.*

*Artigo 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular*

*§1º- Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:*

- *no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de 15 anos;*
- *no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de 18 anos.*

*§2º- Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais estarão aferidos e reconhecidos mediante exames”*

Mesmo com a Lei que garante gratuitamente este acesso a Educação de Jovens e Adulto podemos observar na tabela que se encontra em anexo<sup>5</sup>, que ainda é pequeno o número de alfabetizados no país evidenciando assim, a força da exclusão educacional.

Examinando com minúcia, notaremos que é ainda pior a situação das pessoas acima de cinquenta anos<sup>6</sup> havendo um grande número de pessoas analfabetas. Tal fato faz com que o indivíduo sinta sua dignidade “jogada no chão”, pois a pressão social apresenta-se como algo grandioso e com uma imensa força, imobilizando-o e ferindo-o enquanto cidadão, possuidor do direito de estar incluído nos estudos, na sociedade e no mundo.

A sociedade atual só está oferecendo a grande maioria das atividades para indivíduos que estão compreendidas na faixa de idade entre 18 à 30 anos marginalizando os que se encontram acima dessa faixa etária..

Com essa incrível força do “jovencentrismo”, muitas pessoas acima dos cinquenta anos acomodam-se e não conseguem ter a noção de que possuem condições, direitos e principalmente o dever de lutar contra a mentalidade de nossa sociedade.

Torna-se uma obrigação dos educadores com os alunos que voltam a estudar, estimular e provocar um processo crítico, reflexivo e consciente da exclusão, a injustiça e também de seus direitos.

---

<sup>5</sup> Esta tabela encontra-se no anexo I

<sup>6</sup> Esta tabela encontra-se no anexo II

## 7- HISTÓRICO DO CEES

De acordo com o Departamento de Ensino Supletivo (DSU), os Centros de Estudos Supletivo (CES) foram classificados como versáteis uma vez que, permitem o emprego de metodologias adequadas que preservam o desenvolvimento e iniciativa individual dentro de novas formas de abordagem da clientela, diferentes recursos de verificação e critérios mais dinâmicos no que diz respeito à organização, administração e controle. Em outro documento, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) define o CES assim:

*“Nesta escola nova, o processo de aprendizagem há de desenvolver-se por meio de métodos e técnicas que fogem substancialmente ao processo tradicional de ensino, com adoção do ritmo próprio do aluno e do seu padrão de velocidade, sem a preocupação e a exigência de que cada um acompanhe a mesma trilha e a mesma velocidade simultaneamente”.* (MAFRA in TORRES; 1997:88)

Dentre as metodologias empregadas estão os *módulos de ensino*<sup>7</sup>, estudo dirigido, orientação individual e em grupo.

Neste momento o MEC passou do sistema de ensino autodidata (no qual o aluno se vale dos próprios recursos quer didáticos, quer das fontes de aprendizagem), para o da auto-instrução (no qual os recursos didáticos e as fontes de aprendizagem são produzidas e escolhidas institucionalmente) e apesar da quase imperceptível e sutil diferença, no

---

<sup>7</sup> “O ensino modular consiste na combinação entre uma determinada forma de apresentação do assunto que se pretende transmitir e uma teoria de aplicação que parte de uma análise formada por psicólogos que afirmam “que os estudantes aprendem em ritmos diferentes e que a grande maioria deles pode tornar-se competente em quase tudo, desde que lhe seja proporcionado tempo suficiente” (TORRES; 1997:90)

De acordo com a mesma autora, o Ensino Modular é um dos “instrumentos básicos utilizados pelos CES e elaborados segundo os princípios da instrução personalizada, permitem a auto-aprendizagem segundo o ritmo de quem estuda. Os conteúdos que deles constam (...), abordado por objetivos de realização, propostos de forma clara e voltados para a atualidade, permitem que o adulto aprenda com eficiência, aliando os conhecimentos e habilidades que já possui ao que precisa saber para o atingimento de determinada terminalidade previamente proposta. A auto-avaliação se realiza ao longo do processo, antes, durante e após o estudo de cada módulo”. (op. cit.:91)

entanto ela existe, além do que se este sistema pode parecer uma forma de controle, por outro lado é uma forma real e concreta de *democratizar o conhecimento*.

A implantação, no Brasil, dos primeiros dez CES ocorreu em 1973 nas seguintes capitais: Manaus, Teresina, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Florianópolis, Porto Alegre e Goiânia.

No Estado de São Paulo, o primeiro Centro criado foi o CES “Clara Mantelli” em 29/12/1976, por meio de um convênio entre o Departamento de Ensino Supletivo (D.S.U.) do Ministério de Educação e Cultura (M.E.C.) e a Secretaria do Estado de Educação (S.E) sendo que em 1977 foi aprovado seu Regimento Escolar e o Plano de Curso. Foi instalado somente em abril de 1981 iniciando suas atividades e o atendimento aos alunos.

#### **7.1- INÍCIO DO CEES EM CAMPINAS – UNICAMP**

O CEES “Paulo Decourt”/ Unicamp foi criado pelo Decreto Estadual nº 30.558 em 4/10/89, tendo sua sede localizadas na Rua Sérgio Buarque de Holanda, 800, 2º andar, Prédio Ciclo Básico I, na Cidade Universitária Zeferino Vaz, Distrito de Barão Geraldo, cidade de Campinas.

Porém, desde 7/10/87, já funcionava como Núcleo Avançado de Centro de Educação Supletiva – NACES/Unicamp, sendo a única extensão do Centro Estadual de Ensino Supletivo (CEES), implantada no Estado de São Paulo, por convênio firmado entre a Secretaria do Estado de Educação e a Universidade Estadual de Campinas, o qual funcionou enquanto NACES subordinado, administrativa e pedagogicamente aos CEES de Americana. Com sua criação, o CEES a ser uma unidade autônoma e com estrutura própria.

Para o MEC os CES tinham a princípio como Objetivo Geral “*atender à clientela não atingida pela escolarização regular*” (op.cit.:06), já os Objetivos Específicos traduziam-se em:

- “ - *permitir a adolescentes e adultos iniciar ou prosseguir estudos de acordo com suas possibilidades;*
- *proporcionar condições didáticas aos que não possam freqüentar cursos regulares;*
- *acompanhar e avaliar a aprendizagem, de forma efetiva, através de um sistema de controle próprio.*” (idem:06)

Os objetivos do Estado de São Paulo são muito semelhantes com os Federais que compreendem:

- “*atender, através de um processo próprio, dotado de metodologia, estrutura e funcionamento adequado, às necessidades de adolescentes e adultos que;*
- *não tenham seguido ou concluído, na época própria a escolarização regular;*
  - *necessitam de qualificação ou atualização profissional;*
  - *aos que desejarem participar de atividades de enriquecimento cultural*”.

(SE/CENP in TORRES; 1997:108)

Os CEES, estavam autorizados a oferecerem cursos nas seguintes modalidades: Suplência, Qualificação e /ou Habilitação Profissional e Suprimento. Também oferecia para os não-escolarizados e aos semi-escolarizados (aqueles que não tenham concluído os cursos seja de 1º grau e/ou de 2º grau), um ensino para que os alunos iniciassem ou completassem seus estudos.

## **7.2- O CEES NOS DIAS DE HOJE**

As disciplinas atualmente ministradas no Centro são:

- 1º Grau: Português, História, Geografia, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática, Educação Artística e Inglês.

- 2º Grau: Português e Literatura Brasileira, História, Geografia, Biologia, Física, Química, Matemática, Educação Artística e Inglês.

Para poder explicar melhor o funcionamento e as mudanças ocorridas a pesquisadora se utilizará de trecho das entrevistas realizadas com a Diretora e a Coordenadora para melhor elucidar algumas situações.

O CEES era, até o início deste ano, uma escola em experiência, isto é, *“quando este modelo de escola foi imaginado, foi imaginado enquanto projeto, não enquanto escola (embora pertencesse ao sistema) era um projeto (...) Sempre através de convênios com instituições públicas, então parte da estrutura é responsabilidade de uma das instituições e a outra sempre a Secretaria da Educação da Estado.”* (Coordenadora)

O CEES é mantido pela Unicamp em convênio com a Secretaria Estadual de Educação, que dispõe de recursos humanos, materiais e físicos ajustados no termo de cooperação técnica firmado entre as partes. Segundo a Coordenadora,

*“(...)aos poucos a coisa foi se expandindo e neste ano, em especial, o Conselho Estadual de Educação entendeu que não mais seria um projeto, seria agora uma Unidade Administrativa, “autônoma” como outra qualquer.*

*Essa “autonomia” está entre aspas porque até agora, o que “a gente” percebeu foi que antes, enquanto projeto, a gente era muito mais autônomo do que agora. Agora que está dentro do Sistema da Rede Estadual (embora antes também fizesse parte), tinha muito mais autonomia até em nível Pedagógico. Mas, por exemplo, tinha essa estrutura desde a alfabetização até o ensino médio e ao longo do tempo tudo isso foi sendo cortado.”*

O Centro permanecia com atendimento diário aos alunos durante seu funcionamento, com todas as disciplinas abertas. Com este horário amplo, fazia-se

necessária a presença de no mínimo dois professores por área em cada período<sup>8</sup>, um fica na sala de atendimento ao aluno e o outro no salão de provas.

Com as mudanças que ocorreram, diminuiu o número de professores, pois estes passaram a ser efetivos do CEES e não mais efetivos de outras escola estaduais desenvolvendo seu trabalho no Centro. Com poucos professores cumprindo uma carga de 6 horas por dia as disciplinas estão permanecendo sempre fechadas em um dos períodos, alternadamente, isto é, no dia que a área funciona manhã e parte da tarde, não atende no restante da tarde e à noite e vice-versa. A percepção de um prejuízo com as mudanças fica evidente na fala da coordenadora:

*“O número de pessoas era alguma coisa assim, que não tinha um padrão pré-estabelecido mas, enfim, a gente tinha essa autonomia de tentar preencher todos os espaços "pra" ficar uma escola aberta o tempo inteiro. Então, agora que é sistema, primeiro, não temos o número de professores (que tínhamos, pelo menos). (...) Agora... o corpo docente é de 22 professores, um diretor, um vice-diretor e um coordenador pedagógico, é essa a estrutura.”*

Uma questão que ficou em aberto para a direção e que reflete mais uma perda na autonomia do Centro é a indecisão sobre quem e como será dado o Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental e Médio, segundo a coordenadora:

*“(...) agora, neste exato momento estamos nesta situação, que estão analisando se esta escola vai poder certificar ou não os concluintes de curso. (...) Nós estamos aguardando a manifestação do Conselho, num primeiro momento, o que a gente tem são só idéias que foram propagadas por jornais comuns, nada oficial mas, são fontes relativamente seguras porque é o Estadão, é uma Folha (...). Então, em entrevista com o presidente do Conselho Estadual eles têm a idéia que seria o ENEM "pro" médio; agora "pro" fundamental mesmo, os exames supletivos, enfim, eles vão definir quais as instituições que vão estar podendo fazer essa*

---

<sup>8</sup> Os professores do CEES se revezavam em dois períodos: das 8:40h às 15:20h e das 15:00h às 21:30h, desta forma havia um breve encontro entre eles para passarem os acontecimentos que considerassem pertinentes.

*certificação e, obviamente não serão todas. A gente tem que aguardar o que eles estão pensando a gente não sabe direito. (risos)*

*Então, você percebe que o fato de ter se transformado numa escola autônoma (risos) ela deixou muito de ser autônoma..."*

De acordo com a LDB, no Artigo 24, VII, *"cabe a cada instituição de ensino expedir históricos escolares, declarações de conclusão de série e diplomas ou certificados de conclusão de cursos, com as especificações cabíveis."* (Lei 9394/96)

No início, haviam no CEES vagas desde a séries iniciais do Ensino Fundamental (antiga suplência I) até o Ensino Médio, mas a partir de 1997, o Governo fechou as salas de alfabetização passando a funcionar só de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Médio.

Como a demanda de alunos é muito grande nas séries iniciais, a Unicamp manteve professores de alfabetização, mas ficou limitado apenas ao atendimento dos funcionários da universidade.

O Centro, é um local com salas pequenas e sempre muito cheio de alunos devido ao grande número de matriculados. Existe também uma sala maior conhecida como "salão de provas", onde há um professor de cada disciplina para entregar, explicar e corrigir as provas de seus alunos.

Como o CEES possui um espaço físico restrito, não é feita a divulgação de abertura de matrículas. A Coordenadora informa que para os funcionários utiliza-se *"jornais internos, etc., "pra" comunidade é assim: não precisa mais divulgar porque é o tempo inteiro tem gente querendo saber e, o tempo inteiro "a gente" tem uma previsão de data."*

Ocorreu uma única vez, em 1989 a divulgação de matrículas, como afirma a Diretora: *"daquela vez a gente saiu colando cartazes em tudo quanto é bar, padaria, açougue..."* e os resultados foram além do esperado. Segundo a Coordenadora,

*Nós fizemos uma divulgação em massa! Porque a gente tinha acabado de ampliar, o período da manhã estava funcionando também, então achamos que se divulgasse... tudo bem. Estava dentro do previsto, que era divulgar que havia mais*

*espaço...(em meio a risadas ela fala) Mais daí, como veio 1500 a gente nunca mais se fez isso...*

O motivo de não divulgarem mais a abertura de matrícula foi porque “falta tudo”. Tal fala foi expressada pela Coordenadora com um tom de tristeza.

A não divulgação da matrícula para a população é algo grave por ser um estabelecimento de ensino público fazendo com que as informações fiquem restritas às pessoas que já conhecem o Centro e aos funcionários da Unicamp.

A autora compreende a real dificuldade para acolher a demanda de alunos, mas seria importante algum tipo de divulgação com critérios para o atendimento do número possível de pessoas interessadas.

Com estas entrevistas, notamos que ainda existem muitas lutas a serem travadas a favor da Educação de Jovens e Adultos pelo Centro devido ao descaso por parte do Governo, que não dá o incentivo necessário para que este curso possa atingir seus principais objetivos.

## 8- AS PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA

### 8.1- OS ALUNOS

*“Através do supletivo tornei-me consciente do quanto é essencial o estudo em nossa vida. Não importa a idade.” (A.Z.B. - aluna)*

Os alunos que freqüentam um curso como o do Centro Estadual de Ensino Supletivo, são pessoas que muitas vezes já passaram por mais de uma evasão escolar e muitas vezes, sentem culpa por não terem estudado na época certa, sentem vergonha perante a sociedade por não saberem falar, escrever, ler, fazer contas, entre outras coisas que o ensino formal possibilita.

O Centro possui aproximadamente cerca de 200 alunos acima de 50 anos. A pesquisadora utiliza-se da média, já que estes dados foram retirados de uma pesquisa feita para o Censo Educacional, no qual aparecem os alunos nascidos antes de 1961 e que estão divididos em: 195 alunos no primeiro grau e 282 no segundo grau. Outro motivo da média é porque o CEES está constantemente com novas vagas e abrindo-as para matrícula.

As histórias de vida destes alunos fazem com que tornem-se

*“muito parecidas e ao mesmo tempo muito diferentes entre si. O que trazem de parecido são as marcas de exclusão social que sofreram e que lhes deixou a opção de buscar depois de adultos os estudos que não tiveram acesso quando crianças. Apesar deste ponto em comum, cada aluno possui sua história de vida diferente dos demais, com desejos, anseios e objetivos de vida que podem variar muito de acordo com cada um.” (PILON; 2001:24)*

Mesmo com a marca da exclusão, ABREU (1996:17) informa e motiva os alunos adultos quando diz que:

*“o mundo se modifica, as pessoas se modificam, as relações entre as pessoas se modificam, até o corpo e a aparência se modificam; como é possível não querer adaptar-se a novas situações? A função do ser humano é aprender sempre, é saber incorporar as mudanças, é tornar-se flexível. Nada melhor do que ser estudante para cultivar esta atitude tão saudável de aprendizagem permanente!”*

Inicialmente foi aplicado um questionário<sup>9</sup> para ter uma visão mais ampla da realidade dos alunos a que esta pesquisa se refere. Estes foram distribuídos em algumas das disciplinas para serem entregues pelos professores aos alunos acima de cinquenta anos que freqüentam o supletivo.

Dias depois de entregar os questionários com algumas orientações<sup>10</sup> sobre quem deveria preenchê-lo, obtive a informação dos professores de que alguns alunos ficaram com medo de respondê-lo, principalmente a pergunta: do que menos gostam no supletivo; e que isso fosse encaminhado à direção e conseqüentemente, sofressem alguma represália.

Em contrapartida, outros alunos chegaram a chamar a atenção dos professores, pois não tiveram nenhum receio de colocar o que realmente pensavam sobre o Centro e outros, só responderam após a afirmação de que seus nomes não apareceriam no trabalho.

É importante a não identificação das pessoas que participaram das entrevistas, questionários e relatos orais com o intuito de preservá-las. Com isso, a pesquisadora os identificam apenas com iniciais de seus nomes para melhor organização desta.

A partir deste fato, ficou muito mais evidente o quanto as pessoas têm medo de expressar suas opiniões, sentimentos, angústias, aflições entre outras coisas. Acostumados a nunca serem ouvidos, a nunca terem voz, pois vivem em um mundo com medo preponderante. São oprimidos por indivíduos que julgam-se “dominantes” e que utilizam da manipulação, da conquista, da invasão cultural para cada vez mais alienar o

---

<sup>9</sup> O questionário encontra-se no anexo III

<sup>10</sup> As orientações encontram-se no Anexo IV

povo de sua própria realidade, de seu mundo, de seus objetivos, de suas vontades deixando de lado suas lutas, para seguirem a fala de um outro que vem de fora e dita regras que visam, cada vez mais, a *não consciência do indivíduo*.

Muitos alunos saíram da escola para trabalhar antes de completarem seus estudos. Tal fato fica muito claro no dizer de uma senhora que informa:

*“Naquele tempo, os pais não ligavam "pra" estudar menina mulher, sabe? Era mais os homens, a gente já não tinha condição muito de estudar, ainda mais naquela época,(...) no interior que eu nasci, "né"? Foi difícil, então eu não tive uma vida de conforto, sabe... É que eles não puderam, coitados eu não posso julgar eles porque eles tinham bastante filhos, não dá mesmo, "né"? Então, daí eu não tive condições. Depois fiquei trabalhando na roça porque era a mais nova, depois ajudar, porque foi preciso, fui obrigada a trabalhar "pra" criar os outros”.* (C.S.)

Analisando os questionários e as entrevistas, um dos primeiros dados<sup>11</sup> que podemos levantar que: 21% separados, 5% divorciados, 11% viúvos ou 16% solteiros e os outros 47% são casados.

Observa-se que, uma porcentagem maior dos alunos não moram com seus cônjuges, mas com filhos(as), netos(as), irmãos(as) ou sozinhos. Um argumento bem interessante utilizado por vários alunos foi de seu retorno aos estudos ocorreu somente após a separação.

Já entre as pessoas casadas, há uma divisão entre os cônjuges que aceitam e apoiam o retorno de seus(as) companheiros(as) aos estudos e, a outros que reclamam de ter que ficar sem eles(as) mais um período e que em casa não tem total atenção, já que precisam estudar, ficam com ciúmes. (do cônjuge ou do que estão aprendendo?)

Para alguns alunos, as disciplinas mais importantes são Português e Matemática mas, a maioria respondeu que:

*“todas são importantes, uma completa a outra para se conseguir uma cultura geral”* (M.A.S)

---

<sup>11</sup> O gráfico desta porcentagem encontra-se no anexo V

Na questão sobre o que mais gostam no supletivo ficou muito forte a identificação nos seguintes pontos: professores, ensino modular, horário, respeito e futuro.

Para os alunos, *os professores* são de extrema importância pela orientação que dão, por seu jeito acolhedor, pela dedicação e atenção, como é informado por diversos alunos como vemos abaixo:

*“da orientação dos professores. Porque a cada aluno é dada a orientação de acordo com a sua necessidade”* (L.N.)

*“da atenção dos professores porque tenho dificuldade na área das exatas”* (L.G.O.)

*“ de tudo que o supletivo oferece, principalmente de todos os professores que são pessoas muito humanas e compreensíveis. Por nós termos uma idade mais avançada elas/eles têm muita paciência conosco. São pessoas muito boas e prestam o serviço com muita dedicação e nos ajudam com muito carinho (...) O que seria de nós sem estas professoras, todos são anjos.”* (L.O.P.)

*“ O que mais gosto é a metodologia de ensino e a maneira pela qual os professores passam este riquíssimo conteúdo facilitando nossa aprendizagem, incentivando e motivando-nos para frente sempre mais. Por isso, desejo prestar Vestibular em Pedagogia,”* (A.Z.B.)

*“Gosto dos professores pela dedicação delas e estou muito feliz de estar aqui estudando.”* (A.A.S;)

O ensino em módulos é colocado como um dos pontos essenciais, pois com esse sistema os alunos cursam duas disciplinas de cada vez, com os conteúdos divididos em capítulos, facilitando o estudo como é colocado pelo aluno G.G.:

*“Aqui, eu gosto do sistema em módulos que está sendo feito. A gente não precisa por toda matéria na cabeça e depois fazer uma prova só. Isso é muito importante.”*

*Principalmente "pra" quem tem mais idade e outra coisa, você não tem que guardar os três livros por exemplo: de Matemática, na cabeça "pra" depois fazer numa prova só, fica coisa muito complicada. E assim em outras matérias, não só Matemática como Geografia, História essas coisas, guardar tudo na cabeça, aí complica.*

*Porque de primeiro, você estuda tudo e depois fazia uma prova. No ginásio por exemplo, que era feito em quatro anos, o tanto de matéria, o tanto de coisa na cabeça "pra" fazer a prova, era difícil. Isso chama Madureza<sup>12</sup>, inclusive eu fiz até o terceiro ano do ginásio depois eu parei, depois eu voltei aí, eu prestei o exame de Madureza foi aí, que eu completei. Não era do jeito que está sendo aqui, a gente tinha que estudar tudo "pra" fazer o exame, era toda matéria. E era difícil, chamava Madureza e, como a professora disse: "e era uma dureza". Se não fosse pelo sistema que estão fazendo aqui talvez eu não conseguiria. Bem que eu gostaria de encontrar um curso na faculdade assim, Seria bom se fosse assim, para uma pessoa de mais idade."*

O horário de funcionamento do Centro agrada, pois fica aberto das 8:40 às 21:30h, permitindo que os alunos realizem seus estudos em horários que não atrapalhem suas atividades diárias ou seus empregos. Como informam os alunos abaixo:

*"Gosto do horário móvel porque posso freqüentar nas horas disponíveis" (N.M.)*

*"O horário porque nos dá oportunidade de escolha, para que não implique com o horário de trabalho" (T.L.A.)*

*"Poder estudar conforme o tempo disponível e também tirar as dúvidas quantas vezes forem necessárias" (D.P.S.)*

---

<sup>12</sup> Em 1969, a Fundação Padre Anchieta, em convênio com Serviço de Educação de Adultos da Secretaria de S.E., desenvolveu o projeto experimental de ensino pelo rádio e pela televisão: o Curso Madureza Ginásial, destinado à preparação dos candidatos aos exames de madureza.

Outra questão, foi o *respeito* que recebem por parte de todos os professores, alunos e funcionários do Centro como afirma a aluna M.A.S.:

*“oportunidade de poder estudar sem ser molestada ou desrespeitada com frases do tipo: “que velha” ou “coroa”; o incentivo por parte dos professores e colegas de jornada.”*

O *futuro* foi colocado como algo importante pelos alunos, pois com o estudo eles podem modificá-lo, como diz a senhora E.C.H.

*“(…) A minha felicidade é ver os alunos jamais perderem as esperanças num futuro melhor.”*

Na questão sobre as coisas que menos gostam foram somente alguns alunos que responderam pelos motivos citados anteriormente, mas os poucos descontentamentos em relação ao horário, pois com as mudanças feitas pelo Governo (como foi visto no subcapítulo 7.2), a reclamação vem no sentido de:

*“não ter todas as matérias no parte da manhã.”* (F.M.A.)

Outro ponto de dificuldade é referente ao voltar a escola e compreender o funcionamento, as regras e normas, pois levam algum tempo principalmente para este aluno com mais idade que saiu da escola há muitos anos como podemos observar na fala de um senhor:

*(…) bom faz quase trinta anos que eu sai da escola por isso fiquei perdido com o sistema, as regras, as normas, eu fiquei sem entender muito”* (G.G.)

Os alunos citaram também dificuldade que possuem. A grande cobrança feita por eles mesmos e pela família, como é evidenciado nas falas de senhoras que informam: *“fico preocupada com as provas porque tenho aquela vontade de ter nota”*(A.A.Z.) ou dizem que *“são as minha próprias dificuldades em entender o conteúdo do ensino”* (T.L.A.)

Os alunos sentem a importância do que aprendem no supletivo para o seu dia-a-dia sabendo-se que este mundo do conhecimento formal (escolar) lhe foi algo “estranho”<sup>13</sup> durante a maior parte de sua vida.

Para o educando a aprendizagem leva ao redescobrimto, eleva a auto-estima, ajuda no convívio e na comunicação com outras pessoas como nos informa vários alunos:

*“A importância é que estou redescobrando. O planeta sai da redoma para o mundo de cores, conhecimentos, treinamento e realização” (D.P.S.)*

*“Consigo elevar minha auto-estima; tenho “papo” mais interessante com as pessoas, aumentou o meu diálogo com os filhos (que já estão cursando a faculdade); as pessoas passaram a me respeitar mais (estou deixando de ser a doméstica e a cri-cri) (criada-criança)” (M.A.S.)*

*“Para o dia-a-dia é uma experiência de convívio com os professores e funcionários e também com outros alunos que aqui freqüentam e para a vida, é que é sempre tempo para aprender. A oportunidade é dada a todos” (L.N.)*

*“É importante. Português por exemplo ajuda a gente se comunicar, Biologia, é uma ciência ensina a gente a cuidar da saúde, aprender sobre doenças, cuidado com os alimentos...” (G.G.)*

Ficou bastante marcado também que o estudo, de alguma forma, contribui para a melhoria do emprego ou facilitar às pessoas que estão desempregadas conseguirem um novo emprego como alguns alunos responderam:

*“Importante para ter mais conhecimentos e melhoria salarial” (A.S.P.)*

*“Importante para melhorar meu desempenho no trabalho” (T.L.A.)*

---

<sup>13</sup> Coloco “estranho” entre aspas pois, este tipo de conhecimento era algo que os educandos sabiam que existia e haviam passado pouco tempo nele mas, que ficava fora da sua realidade cotidiana, já que alguns alunos pararam de estudar ha muitos anos atrás.

*“(...)principalmente para isso aí (aponta para o papel onde eu anotava algumas coisas indicando os cursos que ele já havia estudado) voltar a valer precisa do segundo grau se não, não adianta nada. Quando você quer ser funcionário de uma empresa mas, isso eu “tô” falando mas eu não vi nada oficial, a gente sabe disso porque “pra” voltar a valer esses outros cursos que eu já tenho, os 6 anos, eu preciso do segundo grau.(...) Antigamente valia esses cursos, tinha o primeiro grau completo mais o curso e você conseguia emprego e hoje em dia, sem isso não posso dar passo nenhum “pra” frente, tem que ter isso “pra” valer a minha profissão. No mercado de trabalho, como funcionário, eu tenho que ter o segundo grau se não o mercado de trabalho não aceita.” (G.G.)*

Outro fator evidenciado foi a velocidade com que se pode concluir o curso como afirma um aluno(a):

*“Através do supletivo conseguimos um aprendizado mais rápido, facilitando outras atividades” (sem nome)*

Observa-se que quase 80% dos alunos pretendem dar continuidade aos seus estudos no supletivo, seja um curso técnico ou uma faculdade.

A última questão foi um espaço livre para quem quisesse manifestar algum comentário sobre o ensino supletivo e muitos deixaram agradecimentos em relação aos professores, à direção, à coordenação e à pesquisadora.

Outros alunos, expressaram o lado bom do supletivo para as pessoas que param de estudar. Mas, as respostas que mais chamaram a atenção da autora foram aquelas que demonstraram um teor de conscientização. A primeira, demonstra o querer ser bem tratado, independente de ser um aluno,

*“Precisamos de mais professores bem humorados e educados” (A.S.P.)*

Segundo FREIRE (1996:160),

*“a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza.(...) A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz*

*parte do processo da busca. Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”*

A segunda, afirma a importância da educação e a necessidade de divulgar o Centro para que todos possam estudar e ter base para atuar na sociedade e exercer sua plena cidadania:

*“Deveria ser mais divulgado (como informações sobre como se inscrever, etc.) a fim de incentivar a participação de muitas pessoas na tomada de decisões, escolha de voto, defesa dos próprios direitos e conscientização de seu potencial como “Cidadão”!!!” (M.A.S.)*

## **8.2- A DIREÇÃO E OS PROFESSORES**

*“Aprendi que se depende sempre  
De tanta muita diferente gente  
Toda pessoa sempre as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas”  
Gonzaguinha música Caminhos do Coração*

Nas entrevistas realizadas com a Diretora e a Coordenadora ficou muito claro que existe uma grande preocupação com a qualidade do ensino supletivo por módulos pelo CEES ser *“um projeto que vinha desde o MEC, o MEC repassava as verbas para as Unidades Federadas e, as Unidades Federadas, por sua vez, aqui no Estado de São Paulo, ficou estabelecido que seria sempre com instituições públicas.”*

Com o passar do tempo, este modelo foi aberto para rede particular requerendo, então, de uma maior atenção sobre este sistema de ensino, como afirma a Coordenadora quando diz que:

*“Ao longo da trajetória e dos vários Centros essa Legislação foi se modificando um pouco; de 96, se eu não me engano (...), abriu-se o modelo para rede particular. Era uma coisa que nós sempre achamos que se isso caísse em “mãos” do particular era uma fonte de renda altíssima e podia ser feito de uma forma bem irresponsável. Isso, porque o modelo se você deixar ele solto, ele é alguma coisa bem superficial mesmo, você entrega material para o aluno e ele se vira, vem fazer prova e pronto e isso está longe de ser uma instituição escolar. Mas, enfim a partir de 96, foi aberto para o particular”.*

Depois de muitos anos sendo colocado de lado a Educação de Jovens e Adultos foi regulamentada como parte do ensino fundamental e do médio como uma forma de acabar com o dualismo mas isso não foi algo que resultou melhorias, de acordo com a Coordenadora:

*Agora, agora não é, faz parte do ensino fundamental e do ensino médio.(...)O que eu percebo é que o preconceito continua. E agora, eu acho assim, definitivamente, se você não dá um traço diferenciado “pra” Educação de Jovens e Adultos você corre o risco de ver o professor, o Sistema trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos tomando como referência coisas típicas para crianças e adolescentes. Então, hoje eu acho que tem que ser separado porque aquela questão de ser uma coisa só teria um olhar não diferenciado, isso não ocorre mesmo, já percebi que... Ah... é ensino supletivo, é uma “coisa” que qualquer coisa serve, não tem muito cuidado com o Pedagógico.”*

A compreensão sobre as pessoas acima de 50 anos voltarem a estudar entre a Diretora e a Coordenadora mostram-se um pouco diferentes: para a Coordenadora, o aluno que tem mais idade é melhor para voltar a estudar por ter uma maior experiência, já para a Diretora, o aluno que volta a estudar não faz por prazer mas por obrigação. Estes fatos ficam evidenciados nos trecho abaixo:

*“Ah... eu acho normal, não acho nada de mais. (risos) Eu acho que quanto mais maturidade você tem, mais vivência, mais um curso formal (...) vai acrescentar. Porque a sua vivência vai fazer você captar mensagens muito mais rapidamente. Então, eu acho que quanto mais idade tem é melhor.”* (Coordenadora)

*“Eu acho que “pro” nosso aluno um outro faz porque é gratificante, o restante faz por extrema obrigação ou porque o serviço está cobrando, por alguma necessidade extrema mas, não é por prazer próprio, por uma satisfação própria, por uma necessidade dele, vontade dele mesmo, eu acho que é alguma coisa que está cobrando, eu acho que a diferença é bem aí.”* (Direção)

Já para os professores entrevistados, todos tiveram um olhar positivo sobre este retorno aos estudos. Para uma das professoras, esta volta ocorre porque o aluno não teve oportunidade de fazê-lo na idade própria.

Segundo ABREU (1996:12),

*“as condições são favoráveis: as condições sociais, familiares e econômicas. E a experiência acumulada transformou-se em sabedoria, um privilégio desta fase da vida.”*

De acordo com a mesma autora, *“meia-idade, terceira idade? Chegou afinal, o momento de ir buscar, lá no fundinho do baú de planos e sonhos, alguns propósitos de juventude ou de infância, até agora guardados; talvez, até, secreto. Torná-lo real é tarefa para agora ou nunca!”* (ABREU; 1996:11)

Com esta afirmação podemos compreender melhor a fala da professora abaixo:

*“Tem acontecido muito desse fato dos alunos acima de 50 anos voltarem a estudar. E nós observamos que eles estão fazendo resgate. É como se alguma coisa ficou “pra” trás, ele está resgatando mas, isso não vai ser para ele algo de benefício monetário.*

*A gente percebe que é mais aquele crescimento interior. Ele tá buscando aquela coisa que faltou. Ele tá querendo ocupar um espaço que estava vazio.*

*Alguns que já estão para aposentar, estão sendo pressionados a fazer o curso, "pra" promoção no serviço. Mas, a grande maioria, é pessoa que até está em casa sem fazer nada."*

O ensino do CEES é diferenciado das escolas tradicionais, nas quais o aluno freqüenta diariamente as aulas. Por ser um supletivo com ensino modular, torna-se mais fácil a permanência de um aluno acima de cinquenta anos nesta escola do que se estivesse em uma estrutura seriada. Este aspecto é confirmado por uma professora quando nos informa:

*"O supletivo, que atende toda necessidade deles entre a disponibilidade de horário, a divisão de disciplina é mais suave, ele faz duas por vez, o conteúdo é adaptado a ele.."*

Com uma visão bastante crítica a Coordenadora questiona o currículo, o qual é apresentado para todos os tipos de escola, independente da idade do educando afirmando que:

*"É Português, Matemática, Geografia... então, esse formato ninguém discorda dele mas, eu não sei até que ponto ele realmente é válido"*

No CEES, todas as sextas-feira, são realizadas reuniões pedagógicas e a Coordenadora observa que :

*"nossa equipe, "a gente" caminhou um pouco no sentido de tentar verificar se determinado tipo de conteúdo, para quem serve para um adulto, no sentido de... é só ornamento, o que é.(...) Não é fácil frente uma formação de professor você também querer modificar isso, até porque a gente também tem receio, a gente também não tem uma resposta a isso, dizendo: não, não deve ser assim."*

No ensino presencial tem um tempo pré-estabelecido (dois anos) para concluir os estudos, de um modo semelhante com que é feito com as crianças, e desta forma, os

alunos que possuem uma maior dificuldade não tem o direito de estudar em de acordo com suas capacidades respeitando seu ritmo. Como afirma a Coordenadora:

*Então, o que ocorre no outro? No outro, você percebe que há um tempo a ser cumprido, basicamente dois anos (...) chega numa hora, independente de qualquer coisa... vamos encaminhar "prá" frente, "né"? Também não sei se é por aí, fica um ponto de interrogação."*

Um dado muito importante levantado nas entrevistas refere-se aos Centros, pois são os únicos que possuem uma educação e um local realmente voltado aos jovens e adultos, isto é, com mobiliário adequado, com conteúdos conectados a realidade do educando, enfim uma escola só para eles e não como ocorre "*dentro de escola pública vamos dizer, é sempre um curso que está acontecendo junto...*" (Coordenadora)

O aluno adulto sempre tem um objetivo quando realmente resolvem voltar a estudar, é algo que acreditam que será bom, como afirmam alguns professores:

*"Eles voltam, sempre com um objetivo. Ou "prá" um emprego, (...) ou para realizar um sonho que queria na época de infância e não conseguiram, (...) é mais gostoso trabalhar porque trabalhar com alguém que quer (...)O bom é procurar quando você tem necessidade da coisa então, eu acho que eles voltam com muito mais vontade."* (Professora)

*"A pessoa, não é pela idade dela porque se ela se propõe a fazer isso é porque naquele momento ela pode fazer isso, ela está disposta a fazer é uma coisa importante. Não o que ele deixou de fazer mas, naquele momento ele vai ter o que não fez na idade que seria o certo de fazer e vai agora fazer e ficar contente da compensação que ele tem do trabalho que vai fazer.(...) só agora o mundo propiciou, a sociedade está deixando que ele faça isso (...) se agora eles estão tendo essa oportunidade eles se agarram e é importante "pra" vida deles."* (Professor)

Foram colocadas certas dificuldades que os alunos apresentam por serem mais velhos e terem parado de estudar há muitos anos, de acordo com alguns professores:

*“A dificuldade que eles apresentam é que quando eles vêm “pró” primeiro grau (fundamental que eles falam agora, “ne?”), às vezes, como pararam a muitos anos, eles não lembram de nada, de nada, de nada, eles voltam bem a zero então, a gente tem que fazer uma sondagem para ver o que eles lembram daquilo que eles aprenderam a anos atrás “pra” poder iniciar.”* (Professora)

*“Quando vêm com o diploma de 4ª série o diploma é tão antigo que eles não lembram mais nada então, tem que começar mesmo, tudo aquilo que eles viram de 1ª à 4ª série, como faz muitos, eles têm que ver tudo de novo e, nós vemos tudo de novo no nosso conteúdo, a gente começa do comecinho mesmo e o do segundo grau, às vezes, eles vêm com o diploma de 8ª série, só que foi aquela 8ª série feita no “testinho” de marcar “xiszinho” ou no provão que ele tirou na sorte”* (Professora)

*Eles tem mais esforço, muito mais boa vontade, eles lutam porque eles tiveram um espaço muito grande, não que eles ficaram com o cérebro parado mas, eles não passaram pela fase abstrata, a questão de raciocínio deles ficou meio que “tolhidos”, então agora a engrenagem deles começou a lubrificar e começou a mexer, não é como adolescente que está com tudo bonitinho, não tem preocupação, conta de luz para pagar (...)Eles são capazes de assimilar isso mas, a engrenagem demora um pouquinho e quando eles pegam fica todo contente como adolescente.”* (Professor)

É marcante a preocupação com a bagagem cultural do aluno para poder iniciar o trabalho a partir do que eles sabem e também de demonstrar o valor do conhecimento e como este é aplicado em sua vida nas mais diversas atividades. Segundo uma Professora:

*“O meu é o diferenciado. Aquele aluno que tem mesmo problema... esta sala é a sala do aluno diferenciado. Ele vem quando encontra muita dificuldade no curso*

*normal nosso, vem "pra" esta sala que é mais calma que ele vai aprender o conteúdo, que é especial "pra" ele (...) O conteúdo é o mesmo, mas apresentação do conteúdo é outra. É com uma linguagem mais simples não é assim como a do livro porque o livro "historeia" muito, conte muita história então, este é mais enxuto, o conteúdo é o mesmo só que a linguagem é outra."*

A pesquisadora considera importante a fala de uma professora que, ao ser questionada sobre o que falta para uma melhoria da educação de jovens e adultos e ela imediatamente demonstrou sua preocupação com o aluno ao responder que:

*"Eu acho que precisa de mais escolas "pra" começar, mas escola tipo o supletivo mesmo. Eu acho que o supletivo tipo aqui o nosso porque são poucas as escolas, em Campinas são duas só desse tipo então, eu acho que deveria ter mais, "né"?"*

### **8.3- A FAMÍLIA E A SOCIEDADE**

“ O menosprezo pela educação de adultos, atitude de condená-los definitivamente ao analfabeto (a partir de sua profundas imoralidade) incide no erro sociológico de supor que o adulto “é culpado” de sua própria ignorância. Não reconhece que o adulto não é voluntariamente analfabeto, não se faz analfabeto, senão que “é feito nas condições de sua existência”.

Álvaro Vieira Pinto

Para realizar as entrevistas nas residências, o acesso foi um pouco mais fácil nas casas as quais os familiares incentivavam os membros mais velhos. Já nas famílias que não davam nenhum apoio, o acesso foi negado.

Nas entrevistas realizadas a pesquisadora notou que alguns maridos e esposas sentem-se muito orgulhosos de seus companheiros(as) voltarem a estudar como fica claro na afirmação de um marido:

*Eu acho bom ela voltar a estudar. Ela ficou mais contente e sempre traz alguma novidade, alguma coisa nova que aprendeu e você vê a alegria, o entusiasmo dela, seus olhos chegam a brilhar. O único problema é que ela acaba ficando um pouco mais de tempo longe de mim. Eu sinto saudades. (risos)” ( B.O.)*

Existem também, muitos filhos que realmente dão grande apoio, motivação, enfim, colaborando de alguma forma para que seus pais voltem a estudar com alegria, como afirmam os filhos abaixo:

*“Gosto muito de ver minha mãe feliz com seus estudos, sempre quando ela chega em casa pergunto o que ela fez na escola, o que aprendeu e se tem lição de casa. Meus filhos também, ajudam nas dividas que ela têm, emprestam material para pesquisa, explicam exercícios” (R.A.S.)*

*“Quando meu pai voltou a estudar fiquei muito preocupada com sua adaptação na escola, nos primeiros dias percebi que ele ficava um pouco desorientado, pedi até para ele parar. Mas, ele não desistiu e depois de algumas semanas, após a primeira prova em que ele tirou 80, ele começou a se interessar cada vez mais e está muito feliz em poder estudar. Então eu fico feliz com isso também.” (F.A.A.)*

Até em alguns gestos simples são demonstrados a colaboração, como informa um neto:

*“Quando eu vejo a vovó estudando, sei que não é pra fazer barulho porque ela precisa estudar e não vai conseguir entender direito a lição. Então eu paro de brincar para que ela possa estudar” (C.E.A)*

Mas em uma entrevista com uma aluna notei uma profunda tristeza quando perguntei a ela o que sua família achava e a resposta foi:

*“Meu marido acha bom eu voltar a estudar, ele incentiva, eu estou de férias e ele vem me trazer aqui no supletivo está aposentado então, fica me esperando lá fora, ele tá achando um barato mas, meu filho dá risada, ele completou 41 anos agora dia 24 de abril, ele dá risada e fala assim: deixa eu ver sua lição, deixa eu corrigir. Ele acha graça 60 anos começar a estudar” (E.B.E.)*

Para ela não importava muito o apoio do marido, mas o que o filho fala para ela, as gozações doem muito e abaixam com sua auto-estima e por isso seu retorno ao estudo foi somente devido ao seu emprego, pois a sua chefe, aconselhou que ela voltasse a estudar para poder melhorar seu cargo. Desta forma, sua volta é somente para completar a escolaridade necessária para assumir um novo posto em seu trabalho.

E esta posição de desprezo com o aluno do supletivo não se resume a família, mas também a pessoas de vários níveis de instrução como estarei exemplificando através de alguns exemplos obtidos nas entrevistas com a Diretora, a Coordenadora e alguns Professores do CEES.

A pesquisadora considera importante transcrever um trecho de uma das entrevistas para elucidar até que ponto vai o descaso com a Educação de Jovens e Adultos.

O CEES tentou uma vez uma aproximação com a Faculdade de Educação da Unicamp, pedindo ajuda, mas a única coisa que receberam foram críticas. Tal fato fica evidente na afirmação da Coordenadora:

*“Com o Centro, em especial; a gente tentou no início buscar apoio. Eu me lembro de uma fatídica reunião na Faculdade de Educação que eu fui com um professor de cada disciplina e haviam vários professores da Faculdade, e a gente foi lá justamente querendo discutir conteúdos, etc...*

*Foi uma reunião muito desagradável! Por que fomos criticados o tempo inteiro e, por fim, foi dito que dariam uma resposta. E... essa resposta nunca houve, nunca ninguém deu resposta (...) se haveria algum interesse em fazer algum trabalho junto. A gente foi lá dizendo que a gente estava.. querendo, querendo, quase que, tipo assim, pedindo ajuda. Mas daí “ a gente ” não teve nem resposta, aí eu fiquei com raiva (risos)”*

De acordo com a Diretora, não é somente a Faculdade de Educação, mas em vários outros cursos aqui dentro da Unicamp foi pedido algum apoio, a resposta vem (isso quando ela vem) em forma de um *não*.

Todo esse descaso vem de uma visão da sociedade que considera o indivíduo não escolarizado um cidadão de segunda categoria, de segunda classe, alguma coisa menor. De acordo com a Coordenadora:

*“se aqui dentro acontece isso então, eu acho, que desconto um pouco daquele que não tem tanta visão de educação, não tem tanta visão de política, de mundo, etc”*

E não conseguem perceber, como coloca ABREU (1996) que,

*“Estudar e aprender não são atos tardios e sim uma motivação para vencer barreiras, romper preconceitos, sentir-se vivos, atuante e, acima de tudo, com o direto de crescer, de realizar-se.”*

Dentro da própria Secretaria de Educação ocorre uma diferenciação entre Educação de Jovens e Adultos para as outras modalidades e de ensino como demonstra a Diretora do Centro.

*“Eu acho que essa indiferença a nossa Secretaria também tem, porque as reuniões que aconteciam na diretoria do ensino, até bem pouco tempo, não convocavam o CEES, é recente, até o ano passado, quando me chamaram "pra" fazer aqueles cursos de Gestão, foi a primeira vez.*

*E às vezes (...) ligavam aqui dizendo que era "pra" gente ir em determinada reunião, a gente ia, chegava lá, o nome da nossa escola nem constava das listas nem nada, eu acho um descaso total. Agora que a gente virou Unidade, agora eles lembram de chamar a gente com mais frequência. A própria estrutura nossa desprezou a gente a vida inteira.”*

Mesmo sendo convocadas para essas reuniões, os temas que nelas são tratado não englobam a EJA, as discussões rumam somente para a educação de crianças, uma problemática que não tem nada a ver com a realidade do CEES, como afirma a Coordenadora:

*“Nós fomos chamadas "pra" duas reuniões pedagógicas este ano. Nós entramos mudas e saímos caladas porque não tem nada a ver com “a gente”, era tudo "pra" criança.*

*Acho até que perco tempo, prefiro até ser ignorada porque, ir lá e não poder discutir nada com nada, só vale a pena porque a gente fica tendo uma visão do todo (muitas gargalhadas)”*

Na área de Educação de Jovens e Adultos ainda são poucos os estudos, como se a sociedade pudesse “tapar os olhos” para uma realidade cada vez mais presente em nosso cotidiano: o analfabetismo. Como deixar de lado milhares de pessoas que não tem ou que não concluíram seus estudos em idade própria?

Neste caso, segundo a Coordenadora, *“é estranho porque você tem uma realidade, você tem uma população, um número muito significativo que não teve educação básica. E vai continuar assim...”*

Além desse fato, é colocada uma perspectiva de futuro nada animadora já que as *“condições econômicas sociais estão propiciando cada vez mais e, por outro lado a gente vê, um ensino "pra" criança e "pro" adolescente, já excluindo um pouco os defasados, dependendo da idade e da série, “Ah... tem que ser supletivo”.* (Coordenadora)

A pouca importância dada ao aluno que possui alguma dificuldade para concluir seus estudos na idade “correta”, estes são empurrados para o supletivo e deixado lá, não se pensa na solução do problema nem na melhoria do supletivo (EJA) como foi colocado em um trecho da entrevista:

*Esse supletivo também, ninguém cuida, ninguém... manda "pra" lá, só isso.*

*Sabe quando você tem um vaso velho na sua casa e você não agüenta mais aquele vaso, você quer esconder em algum lugar, é mais ou menos isso.*

*Põe lá escondido "pra" ninguém ver porque você também não pode jogar fora por algum motivo, "né"?*

Com todas essas informações, fica um pouco complicado pensarmos num rompimento de paradigma sem ter o apoio de pessoas e órgãos que têm a função de garantir uma educação de qualidade para o aluno adulto. Mas não podemos também, ficar esperando que as mudanças caiam do céu porque *“ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”*. (Freire;1987:54)

*“A educação é um processo histórico de criação do homem para a sociedade e simultaneamente de modificação da sociedade para o benefício do homem”*  
(Pinto:2000:39)

## 9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ A educação é uma tarefa social  
total em duplo sentido:  
- de que nada está isento dela, e  
- de que é permanente ao longo de  
toda a vida do indivíduo.”

Álvaro Vieira Pinto

No Centro Estadual de Educação Supletiva a educação pode ser caracterizada é a Educação Popular, pois foi possível observar que a realidade e o ritmo de cada aluno é respeitado, baseado numa estrutura modular que permite uma proximidade na relação do educando com o educador, já que esta prioriza o aluno como centro do processo educativo. Segundo FREIRE (1996:66),

*“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não uns aos outros”*

Além disso, a própria proposta é fundamentada em uma educação que visa a libertação dos educandos que foi tão defendida e idealizada pelo educador Paulo Freire entre tantos outros.

Após as análises dos dados obtidos nesta pesquisa a autora encontrou as seguintes razões para o retorno aos estudos dos alunos acima de cinquenta anos:

- habilitar-se ao ingresso ou para uma melhoria em seu emprego;
- desenvolver-se, por prazer, em um conhecimento (formal) que se encontrava fora de sua realidade;
- provar a si próprio que pode aprender algo novo;
- ter com quem trocar idéias;
- viver situações interessantes de aprendizagem;
- crescer interiormente;
- conhecer pessoas;

- certificar-se de que há pessoas na mesma situação;
- combater o vazio deixado por uma aposentadoria, uma viuvez, ou algo assim;
- ter assunto para conversar com os filhos;
- completar uma tarefa que foi interrompida na idade própria

Abreu (1996:29) incentiva quando diz que:

*“Qualquer motivação é válida. Qualquer sonho merece ser tornado realidade”*

Para alguns alunos a volta aos estudos deixa-os muito empolgados e a grande maioria dos pesquisados pensam em continuar seus estudos em uma faculdade ou em um curso técnico. Por outro lado, existem aqueles que estão buscando o certificado que prova que este aluno concluiu o ensino fundamental ou o médio, demanda esta exigida pelo mercado de trabalho e socialmente possui um forte significado.

O fato do Centro estar localizado no interior de uma universidade – Unicamp, é algo que estimula os educandos, principalmente aqueles que encontram-se acima de cinquenta anos, já que estes, muitas vezes utilizam-se do fetiche Unicamp quando falam o local em que estudam. Esta é uma fala presente no discurso, pois torna-se algo de muito valor refletindo em sua família, no local de trabalho, em conversas com amigos e vizinhos, entre outros.

Independente do motivo que conduz as pessoas pesquisadas a buscarem a continuidade escolar *“estudar e aprender não são atos tardios e sim uma motivação para vencer barreiras, romper preconceitos, sentir-se vivo, atuante e, acima de tudo, com o direito de crescer e realizar-se.”* (ABREU, 1996)

Um ponto marcante, foi a questão de diversos alunos alimentarem o sonho de que continuarão estudando e possivelmente, chegarão a cursar o Ensino Superior. A vida é um processo contínuo, mas em função da sociedade esta precisa ser definida por faixas etárias, deixando a impressão de que tudo tem um tempo certo para acontecer de acordo com uma visão economicista. Cada pessoa deve ser vista com única e não como uma massa que deve se moldar de acordo com os padrões exigidos: tempo de ser criança, tempo de estudar, tempo de trabalhar, tempo de casar, tempo de aposentar, tempo de envelhecer...

Com base nesta pesquisa, a autora acredita que a Educação de Jovens e Adultos é uma área que carece de atenção e cuidados, pois as mudanças que estão ocorrendo, em sua maioria a revelia da povo, o qual certamente será o mais afetado pela ineficiência e descaso do Governo vigente.

Desta forma, torna-se importante que a Secretaria da Educação defina normas mais exatas e precisas respeitando toda a experiência acumulada pelo CEES e não informando-os através de jornais mudanças que possam ocorrer. É preciso também que assuma uma postura frente a EJA, visando melhorias para que os indivíduos que não tiveram acesso a educação formal na idade própria e possam ter garantido conforme a Constituição, uma educação com qualidade e principalmente considerando a realidade dos educandos que buscam educação.

Para que ocorra uma mudança social os indivíduos necessitam reverem alguns valores entre eles: humildade, respeito, amor ao próximo e não atuar como um personagem neutro, mas como cidadãos que possuem direitos e deveres.

O questionário elaborado para os alunos pela autora com o objetivo de conhecê-los melhor, continua sendo utilizado pelos professores de tempos em tempos na sala de Matemática, com o mesmo objetivo, mas independente da idade e com a intenção de proporcionar a estes, um espaço em que possam expressar suas opiniões.

## 10 - ANEXOS

### 10.1- ANEXO I

#### Escolarização da População - Brasil

Grupos de Idades	Classes de Anos de Estudo (%)							
	Sem instrução e menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 anos	5 a 7 anos	8 anos	8 a 11 anos	12 anos e mais	Não determinados
Total	13,61	21,55	16,84	18,32	8,25	14,68	5,88	0,87
10 a 14 anos	10,11	42,99	18,66	26,37	0,85	0,07	0,00	0,96
15 a 19 anos	5,36	16,29	12,75	32,15	12,46	19,20	0,76	1,03
20 a 24 anos	5,75	14,37	13,05	22,73	10,80	25,70	6,81	0,79
25 a 29 anos	7,03	14,86	14,80	19,87	11,18	23,10	8,44	0,71
30 a 39 anos	9,10	16,61	17,59	15,39	10,29	19,87	10,08	1,08
40 a 49 anos	15,46	20,61	19,85	11,20	8,72	13,51	10,04	0,60
50 a 59 anos	25,53	24,17	20,59	8,00	6,32	8,34	6,53	0,51
60 anos ou mais	40,99	22,01	17,81	5,84	4,35	5,10	3,41	0,47
Idade ignorada	22,81	20,08	11,14	11,36	5,27	8,50	3,02	17,83

Fonte: IBGE. Contagem da População de 1996

10.2- ANEXO II

**Número de Pessoas Analfabetas com Cinquenta Anos ou Mais no Brasil – 1997 (\*)**

Sexo e Localização do Domicílio	50 anos ou mais
Total	24.840.802
Não Alfabetizada	7.856.382
Analfabetismo %	31,6
Homens	11.489.133
Não Alfabetizada	3.264.691
Analfabetismo %	28,4
Mulheres	13.351.669
Não Alfabetizada	4.591.691
Analfabetismo %	34,4
Urbana	19.736.591
Não Alfabetizada	5.006.451
Analfabetismo %	25,4
Rural	5.114.283
Não Alfabetizada	2.849.931
Analfabetismo %	55,7

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1991/PNAD 1995/1996/1997

\*Exclusiva a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Pará Roraima e Amapá.

ANEXO III

**Questionário**

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Idade: \_\_\_\_\_

3- Estado Civil:

solteiro (a)

casado (a)

separado (a)

divorciado (a)

viúvo (a)

\_\_\_\_\_

4- Qual a sua profissão? \_\_\_\_\_

5 - (Responda somente se quiser) De quanto é o seu ganho mensal?

até R\$ 300,00

de R\$ 501,00 até R\$ 800,00

de R\$ 301,00 até R\$ 500,00

acima de R\$ 801,00

6 - Até qual série você havia estudado antes de entrar no supletivo? \_\_\_\_\_

7 - Neste momento você está cursando o:

1º Grau

2º Grau

8 - Quais as disciplinas que você já cursou aqui no supletivo?

Português

Matemática

História

Biologia

Física

Química

Geografia

Artes

Educação Física

9- Qual destas disciplinas você considera mais importante? \_\_\_\_\_

---

---

---

10 - Você frequenta alguma atividade extra aqui no supletivo? Qual? \_\_\_\_\_

---

---

11 - Do que você **mais** gosta do supletivo? Porque?

---

---

---

12- Do que você **menos** gosta do supletivo? Porque?

---

---

---

13- Qual a importância do que você aprende aqui no supletivo para seu dia-a-dia, para sua vida?

---

---

---

14- Quando terminar os estudos no supletivo pretende fazer algum curso? Qual?

---

---

---

15- Existe algum comentário que gostaria de fazer sobre o ensino supletivo?

---

## ANEXO IV

### **Aos Professores da Área**

Peço o grande favor de entregar este questionário em anexo para que os alunos acima de cinquenta anos respondam.

Este questionário faz parte de uma pesquisa que estou realizando aqui no Centro sobre os alunos com mais de cinquenta anos.

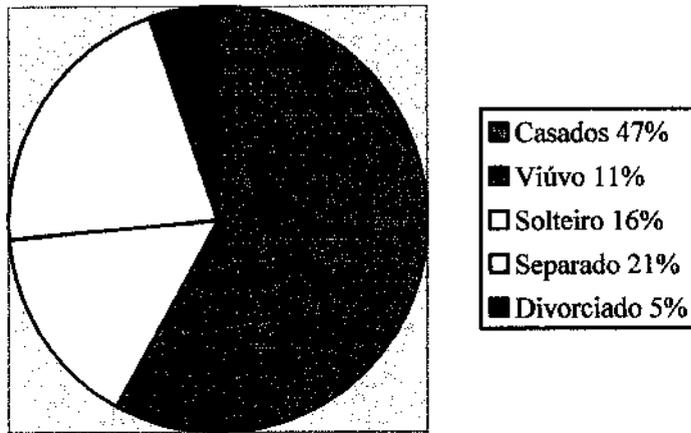
Sou aluna do último anos de Pedagogia aqui na Unicamp e os resultados farão parte de minha monografia.

Agradeço desde já pela colaboração

Silvia Cristina Mota

ANEXO V

Gráfico – Estado Civil



## 10-REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Maria Cecília de. **Para ser estudante da meia-idade em diante**. São Paulo, Editora Gente, Coleção Maturidade com Qualidade, 1996

ARAÚJO, Ulisses F. **Conto de Escola: a vergonha com regulador moral**. São Pulo, Moderna; Campinas, Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1974.

DUARTE, Newton. **O ensino da Matemática na educação de adultos**. São Paulo. Editora Cortez; Editora Autores e Associados, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ **Política e Educação**. 4ª ed.. São Paulo, Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2000.

GEPEJA (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos) **Objetivos**  
Faculdade de Educação - UNICAMP

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo, Cortez, 1999.

HEGENBERG, Leônidas. **Etapas da Investigação científica: observação, medida, indução.** São Paulo, EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** pg. 433.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. **O envelhecimento.** São Paulo, Ed. Contexto, 1998; pg. 9-12

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) DESLANDES, Suely Ferreira, CRUZ NETO, Otávio, GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

PILON, Raquel. **Alfabetização de jovens e adultos: traços de vida na produção de textos.** Campinas, SP. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Faculdade de Educação, Unicamp.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo, Cortez, 11ªed. 2000.

**REGIMENTO ESCOLAR** do Centro Estadual e Educação Supletiva “Paulo Decourt”

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** São Paulo: Atlas, 1979

SANTOS, Silvana Sidney Costa. **A política nacional do idoso e o ensino de Geriatria e Gerontologia nos cursos de graduação de Enfermagem: uma reflexão.** Disponível na Internet. <http://www.uol.com.br/cultvox/> (28/05/2001)

SAVIANE, Demerval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** 2ªed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

TORRES, Eliane Aparecida. **Uma abordagem sobre o ensino supletivo: o centro estadual de educação supletiva no Estado de São Paulo.** Campinas, SP: [sn], 1997, Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

VALLE, Ana Maria do. **Educação Popular na Escola Pública.** 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1996.

VERNER, Coolie. BOOTH, Alan. **Educación de adultos.** Centro Regional de Acuda Técnica, Buenos Aires: Talheres Gráficos Planeta, 1971.